

9. O Abraço de Jesus no Impuro: Uma Nova Perspectiva sobre a Graça e a Inclusão no Reino de Deus (Lc. 5:12-16; Lv. 21:16-23; Hb. 10:1-10)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 23/11/2025 15:47

O Reino dos Marginalizados: A Intenção Narrativa de Lucas

Ao analisarmos os Evangelhos sinóticos — Mateus, Marcos e Lucas —, é comum notarmos que a sequência dos eventos narrados nem sempre coincide. Embora existam paralelos claros, cada autor organizou os fatos da vida de Cristo com uma intenção teológica e pedagógica específica. No caso do Evangelho de Lucas, escrito décadas após a morte e ressurreição de Jesus, essa organização não é meramente cronológica, mas profundamente intencional, visando comunicar a natureza revolucionária do Reino de Deus a Teófilo e aos leitores gentios.

A partir do capítulo 5 de Lucas, o evangelista inicia uma tríade narrativa que define o caráter inclusivo do ministério de Jesus. Ele descreve, em sequência, três encontros significativos: a cura de um leproso, a cura de um paraplégico e o chamado de um publicano (Levi). Embora esses eventos possam não ter ocorrido exatamente nessa ordem temporal, Lucas os agrupa para estabelecer uma premissa fundamental: o Reino de Deus se manifesta prioritariamente para aqueles que a sociedade e a religião institucionalizada rejeitavam.

"Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento." (Lucas 5:31-32)

Esta sequência de relatos serve como um manifesto contra o exclusivismo religioso da época. A estrutura religiosa judaica do primeiro século operava sob uma lógica rigorosa de pureza e exclusão. Para pertencer à comunidade e ter acesso a Deus, o indivíduo precisava manter-se ritualmente puro e socialmente aceitável. O leproso, o deficiente físico e o colaborador do império romano (o publicano) representavam, cada um à sua maneira, a antítese do ideal religioso. Eles eram os marginalizados, os "impuros", aqueles que deveriam ser mantidos à distância para não contaminar os "santos".

Lucas, no entanto, subverte essa lógica ao apresentar um Messias que não apenas tolera a presença desses marginalizados, mas vai ao encontro deles. O Reino apresentado não é um clube para os perfeitos, mas um refúgio para os perdidos. A mensagem transmitida através dessa estrutura literária é clara: a dinâmica de Deus difere radicalmente da dinâmica religiosa humana. Enquanto a religião erguia muros baseados na meritocracia e na pureza ritual, Cristo derrubava barreiras através da graça e da misericórdia.

Portanto, ao nos debruçarmos sobre o texto de Lucas 5:12-16, que narra o encontro com o homem coberto de lepra, não estamos apenas lendo sobre um milagre isolado. Estamos testemunhando a inauguração de uma nova era, onde a santidade não se preserva pelo isolamento, mas se expande pelo contato, alcançando aqueles que viviam à margem da esperança.

A Lei da Pureza e o Estigma Social: O Peso de Levítico

Para compreendermos a profundidade do encontro entre Jesus e o leproso, é indispensável mergulhar no contexto legal e cultural que definia a vida daquele homem. Lucas descreve o indivíduo como estando "coberto de lepra" (*pleres lepras*), indicando um estágio avançado e devastador da doença. Naquela sociedade, isso não significava apenas um diagnóstico médico

grave, mas uma sentença de morte civil e religiosa.

A base para essa exclusão encontrava-se na Lei Mosaica, especificamente nos códigos de pureza descritos no livro de Levítico. A "lepra" bíblica (que abarcava diversas doenças de pele, não apenas a Hanseníase moderna) era tratada como uma impureza ritual severa. O capítulo 13 de Levítico instrui que qualquer pessoa com suspeita de infecção na pele deveria apresentar-se ao sacerdote. O papel do sacerdote não era curar, mas inspecionar e diagnosticar. Se confirmado o mal, o veredito era o isolamento: o indivíduo deveria viver fora do arraial, longe da comunidade e do Templo.

Esta segregação baseava-se em um princípio rígido de santidade e integridade física, que impedia que o imperfeito se aproximasse do sagrado. Embora as leis de Levítico 21 fossem especificamente direcionadas aos sacerdotes (descendentes de Arão), a mentalidade por trás delas permeava todo o tecido social de Israel.

"Nenhum homem da descendência de Arão, o sacerdote, em quem houver algum defeito se aproximará para oferecer as ofertas queimadas do Senhor; ele tem defeito; não se aproximará para oferecer o pão do seu Deus. [...] Porém não poderá entrar até o véu, nem se aproximará do altar, porque tem defeito, para que não profane os meus santuários, porque eu sou o Senhor, que os santifico." (Levítico 21:21, 23)

A lista de "defeitos" que desqualificavam um sacerdote era extensa: cegueira, coxeira, mutilações, deformidades, sarna ou qualquer ferida na pele. A lógica era clara: o Deus Santo exige perfeição. O que possui defeito não pode representar o povo diante de Deus, nem manusear as ofertas sagradas.

Com o passar dos séculos, essa restrição litúrgica transformou-se em um estigma social generalizado. O leproso não era apenas um doente; ele era um "impuro". A crença vigente era de que a impureza era contagiosa, não apenas biologicamente, mas espiritualmente. O impuro era visto como uma ameaça aos "puros". Por isso, eles viviam em clãs isolados, banidos do convívio familiar, incapazes de prover o sustento de suas casas e carregando a vergonha de serem vistos como punidos por Deus.

A sociedade judaica da época havia construído muros intransponíveis. O "puro" devia proteger-se do "impuro". Aproximar-se de um leproso era arriscar a própria santidade. Portanto, a condição daquele homem em Lucas 5 era de total desesperança. Ele estava duplamente condenado: seu corpo estava apodrecendo e sua alma estava esmagada pela rejeição teológica e social. Ele não tinha lugar no templo, não tinha lugar na praça, e não tinha lugar à mesa.

É sob o peso esmagador dessa legislação e cultura que a atitude do leproso ganha contornos de uma coragem desesperada. Ao romper o isolamento e entrar na cidade para buscar Jesus, ele estava violando as normas mais fundamentais de sua época, arriscando ser apedrejado, movido pela única possibilidade de que aquele novo Mestre pudesse oferecer algo que a Lei jamais lhe deu: purificação e reintegração.

O Toque Proibido e a Inversão da Lógica Religiosa

O encontro descrito em Lucas 5 é marcado por uma tensão palpável. Quando o leproso rompe a barreira do isolamento e se prostra diante de Jesus, ele não está apenas buscando alívio físico; ele está clamando por dignidade. Sua súplica revela a profundidade de sua dor: *"Senhor, se quiseres, podes purificar-me"*.

Note que o homem não pede explicitamente a cura (*iaomai*), mas sim a purificação (*katharizo*). Ele sabia que sua condição ia muito além da biologia; ele era um pária, um "impuro" rejeitado por Deus e pelos homens, segundo a teologia vigente. A dúvida dele não residia no poder de Jesus ("podes"), mas na vontade de Jesus ("se quiseres"). A questão central era: o Messias estaria disposto a se

contaminar com alguém como eu?

A resposta de Cristo é o ponto de inflexão que define a natureza do Evangelho. Jesus não apenas diz "Eu quero"; Ele faz o impensável.

"E Jesus, estendendo a mão, tocou nele, dizendo: — Quero, sim. Fique limpo! E, no mesmo instante, a lepra daquele homem desapareceu." (Lucas 5:13)

Para a mentalidade judaica, tocar em um leproso era um ato de profanação. A lei cerimonial ditava que a impureza era transmissível: quem tocasse no imundo tornava-se imundo. No entanto, Jesus inverte essa lógica espiritual. Ao estender a mão, Ele não é contaminado pela lepra; ao contrário, é a Sua santidade que "contamina" o leproso, purificando-o instantaneamente.

Alguns estudiosos e comentaristas bíblicos apontam que o verbo grego utilizado para "tocar" neste contexto sugere mais do que um simples contato superficial; pode implicar segurar com firmeza, ou até mesmo abraçar. Jesus, o Sumo Sacerdote perfeito, abraça aquele que a religião mandava afastar. Enquanto o sacerdócio levítico protegia sua própria pureza mantendo distância, Jesus manifesta Sua santidade aproximando-se e tocando.

Este ato carrega um significado escandaloso para os observadores da época. O "puro" se torna um perigo para os "impuros" não porque os julga, mas porque os transforma. A purificação não vem do distanciamento, mas da comunhão.

Após o milagre, a instrução de Jesus para que o homem se apresentasse ao sacerdote (conforme Levítico 14) não é apenas um cumprimento protocolar da Lei, mas um ato de testemunho — e certa ironia divina. O sacerdote, aquele que representava o sistema que declarou o homem impuro, agora seria forçado a atestar oficialmente que ele estava limpo. A religião institucional teria que carimbar a obra da graça, reconhecendo que a purificação veio de uma fonte que eles não controlavam.

O Reino de Deus, portanto, opera através desse "toque proibido". É o abraço que restaura a identidade, devolve o indivíduo à família e à sociedade, e prova que não há abismo de impureza tão profundo que a mão estendida de Cristo não possa alcançar.

Da Sombra para a Realidade: A Insuficiência da Antiga Lei

O milagre da purificação do leproso não aponta apenas para a restauração física de um homem; ele sinaliza o fim de uma era e o início de outra. A instrução de Jesus para que o homem se apresentasse ao sacerdote era, na verdade, um confronto entre a realidade viva (o Messias) e a sombra pálida do sistema sacrificial antigo.

Para compreender a dimensão teológica desse evento, precisamos recorrer à explicação dada pelo autor da carta aos Hebreus. O texto de Hebreus 10 estabelece que a Lei — com seus rituais de purificação e sacrifícios de animais descritos em Levítico — era apenas *"uma sombra dos bens vindouros, não a imagem real das coisas"* (Hb. 10:1).

O antigo sistema operava na base da repetição. Ano após ano, sacrifícios eram oferecidos pelos pecados, e rituais de purificação eram realizados pelas impurezas. Essa repetição contínua era a própria prova da sua ineficácia. Se os sacrifícios tivessem poder para limpar a consciência e aperfeiçoar o adorador de uma vez por todas, teriam cessado. Mas, como diz a Escritura:

"Nesses sacrifícios ocorre recordação de pecados todos os anos, porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados." (Hebreus 10:3-4)

A Lei diagnosticava o problema (a lepra, o pecado, a impureza), segregava o impuro, mas não tinha o poder intrínseco de transformar o coração humano. Ela lidava com o externo. O leproso podia ser declarado limpo cerimonialmente se a doença retrocedesse, mas a Lei não podia curá-lo. Da mesma forma, o pecador podia oferecer um animal, mas sua consciência continuava manchada.

É aqui que entra o paradoxo exposto no Salmo 24, um texto messiânico escrito por Davi. O salmista pergunta: "*Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?*". A resposta é devastadora para qualquer um que tente viver sob a justiça própria: "*O que é limpo de mãos e puro de coração*".

Sob a ótica da Lei, a "pureza" muitas vezes se referia à ausência de defeitos físicos ou à conformidade ritual. No entanto, Davi, profeticamente, eleva o padrão para uma pureza interna e absoluta. Quem, dentre a humanidade decaída, possui verdadeiramente mãos limpas e um coração puro? Se dependêssemos da nossa própria integridade para subir ao "santo lugar", estaríamos todos, como aquele leproso, condenados a viver fora dos portões.

Jesus Cristo entra na história para fazer o que a Lei jamais conseguiu. Como afirma Hebreus, Ele vem para dizer: "*Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade*" (Hb. 10:9). Ele remove o primeiro sistema (o da Lei e dos sacrifícios de animais) para estabelecer o segundo (a Graça mediante o Seu próprio sacrifício).

Nessa nova aliança, a purificação não é mais um ritual externo de lavagem ou inspeção da pele. É uma transformação ontológica. Nós fomos "*santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas*" (Hb. 10:10). Aquele que tocou o leproso é o próprio Rei da Glória do Salmo 24, o único verdadeiramente apto a subir ao monte do Senhor. E a maravilha do Evangelho é que Ele não sobe sozinho; Ele nos leva consigo.

Portanto, a cura do leproso é uma ilustração visual do que acontece no espírito. Nós somos os leprosos espirituais — incapazes, impuros e afastados. A religião (a Lei) podia apenas apontar nossa falha e exigir nosso afastamento. Jesus, a Realidade, nos toca, nos purifica internamente e nos torna aptos a estar na presença de Deus, não por mérito de uma "pele limpa", mas pelo mérito do Seu sangue.

A Cegueira da Hipocrisia Moderna e a Verdadeira Purificação

É tentador olhar para a narrativa de Lucas e para as leis de Levítico com um olhar de superioridade histórica, julgando a dureza de coração dos fariseus e sacerdotes da antiguidade. No entanto, uma análise honesta do cenário religioso contemporâneo revela que a mentalidade de castas espirituais — a divisão entre "puros" e "impuros" — permanece assustadoramente viva.

A religião moderna, muitas vezes, comete o mesmo erro do judaísmo do primeiro século: foca na performance externa em detrimento da realidade interna. Criamos, ainda que inconscientemente, a nossa própria "caixinha dos santos", onde acreditamos que apenas aqueles que cumprem certos rituais comportamentais ou estéticos são dignos de estar à mesa. Enquanto isso, olhamos para fora — para os "leprosos" morais da nossa sociedade — com julgamento e repulsa, esquecendo-nos de que a única diferença entre nós e eles não é a nossa perfeição, mas a Graça que nos alcançou.

Jesus confrontou essa hipocrisia de forma direta no Sermão do Monte. Ele ensinou que a Lei dizia "não matarás", mas que, no Reino, quem odeia seu irmão já cometeu assassinato no coração. A Lei dizia "não adulterarás", mas Jesus afirmou que o olhar cobiçoso já é adultério. Sob essa ótica, quem de nós pode reivindicar pureza? Se a santidade fosse baseada na ausência de falhas internas, todos estaríamos banidos, vivendo fora dos portões da presença de Deus.

A tragédia da religiosidade sem graça é que ela nos torna juízes cruéis. Basta observar o comportamento em redes sociais ou em debates públicos: muitas vezes, são os que se dizem

"puros" que destilam o maior ódio contra os que consideram "pecadores". Essa postura revela uma profunda incompreensão do Evangelho. O Reino de Deus não é um lugar onde os saudáveis se reúnem para celebrar sua saúde, mas onde os doentes se encontram para celebrar o Médico.

O corpo de Cristo é, por definição, um ajuntamento de "imigrantes da impureza". Somos todos leprosos espirituais que foram abraçados pelo Rei. A Igreja não deve ser um tribunal que sentencia o impuro ao isolamento, mas uma extensão do braço de Cristo que toca, abraça e restaura.

A verdadeira purificação, portanto, não acontece quando nos separamos do mundo em uma bolha de moralismo, mas quando reconhecemos nossa própria indignidade e permitimos que Jesus limpe nosso interior. O leproso de Lucas 5 nos ensina que o pré-requisito para o milagre não é fingir que não temos feridas, mas expô-las diante Daquele que pode curá-las.

Que possamos abandonar a arrogância de nos sentirmos melhores que os outros e assumir a postura humilde daquele homem: prostrados, conscientes de nossa necessidade, e eternamente gratos pelo toque escandaloso da Graça de Deus. Afinal, na mesa do Cordeiro, não há lugar para o orgulho, apenas para a gratidão dos que foram purificados.

A Casa da Rocha - #09 - O Reino para Todos, Parte 1: O Leproso - Zé Bruno - Meu Caro Amigo. https://www.youtube.com/live/RrMBk2WNvtc?si=8if_jcV5ZKdJmvwk

Documento gerado em 04/02/2026 02:47:33 via BeHOLD